

CADERNOS AZUIS

OS HOMENS E AS IDÉIAS

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

ANTERO
DE QUENTAL

INFÂNCIA E JUVENTUDE

II

LIVRARIA **LATINA** EDITORA

RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10—PORTO

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM 1630 TO 1800

By JOHN B. HENNING, Esq.
of the City of Boston.

Published by G. B. LITTLE, No. 100 NASSAU ST. N. Y.

1850

For sale by
G. B. LITTLE, No. 100 NASSAU ST. N. Y.

For sale by
G. B. LITTLE, No. 100 NASSAU ST. N. Y.

THE HISTORY OF THE CITY OF BOSTON FROM 1630 TO 1800



CADERNOS AZUIS

COLEÇÃO DE CULTURA VIVA

DIRECÇÃO DE MANUEL DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — **O Cinema em Marcha**, ensaio — de Manuel de Azevedo (esgotado).
- 2 — **A Arte e a Vida**, conferência — de António Ramos de Almeida (esgotado).
- 3 — **Aurora e Crepúsculo de uma Idade**, ensaio — de Júlio Filipe (esgotado).
- 4 — **Nasceu um Maltez!**, contos — de Jorge Vitor.
- 5 e 6 — **Antero de Quental, infância e juventude** — de António Ramos de Almeida (2 vols.)

A PUBLICAR

- 7 — **A Poesia da Moderníssima Geração**, ensaio — de João Pedro de Andrade.
 - 8 — **O Sonho de Makar**, conto — de Korolenko. (Tradução de António Brochado).
-

ASSINATURAS:
2 números-6 escudos
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Dos números esgotados far-se-ão a seu tempo novas edições.

Para assinar os «**CADERNOS AZUIS**» basta o envio de um postal à **LIVRARIA LATINA EDITORA**, R. Santa Catarina, 2 a 10—Pôrto.

ANTERO DE QUENTAL
INFÂNCIA E JUVENTUDE

II

OBRAS DO AUTOR

PUBLICADAS

SINAL DE ALARME — *Poemas*, Coimbra, 1938.

SINFONIA DA GUERRA — *Poema*, Edições «Sol Nascente»,
Pôrto, 1939.

A TEORIA PURA DO DIREITO DE HANS KELSEN — *Dis-
sertação de licenciatura em ciências jurídicas*. Suplemento ao
volume XV do «Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra».

A ARTE E A VIDA — *Conferência*, «Cadernos Azuis», Pôrto, 1941.

A PUBLICAR

ANTERO DE QUENTAL — *Apogeu e morte*.

SANGUE — *Contribuição para o «Novo Cancioneiro»*.

VÉSPERA — *Novela*.

CADERNOS AZUIS
OS HOMENS E AS IDÉIAS

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

ANTERO DE QUENTAL

INFÂNCIA E JUVENTUDE

II



DE VERBO AD VERBUM.

LIVRARIA LATINA EDITORA
RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10—PÓRTO

Executado nas Oficinas Gráficas
da Sociedade de Papelaria, Lda.
Rua da Boavista, 321 — Pôrto, 1943.

VIDA COERENTE E AVENTUROSA

«Aspiração... desejo aberto todo.
Numa ânsia insofrida e misteriosa...
A isto chamo eu vida»:

(Da primeira estrofe das «Odes Modernas»)

É em 1864 que Antero termina o seu curso de direito. Em lugar de ir com o canudo em punho para Lisboa, implorar ao Terreiro do Paço um lugar público, como era o costume do reino, fica em Coimbra, compondo a sua obra, pronto a continuar a sua acção revolucionária. Tudo o que fizera não foi para êle simples rapazeadas, sem sentido nem nexos. A sua agitação académica fôra sincera e consciante e não delitosa da mocidade, esquecidos logo que o curso termina, apagados pelo egoísmo da vida prática, pela vaidade de ascender aos altos cargos, pelas comodidades sedutoras da vida burgueza.

Era já costume ver-se um académico cheio de audácias, de idéias novas, por vezes até elemento de acção, abandonar Coimbra e passados os primeiros meses de vida prática, necessários para os desenganos e para a aclimação, transformar-se completamente, tornando-se mais um manipanso do estabelecido, bandeando-se com o primeiro que lhe oferecia um lugar à mesa do orçamento.

Em Coimbra, sustentados pelo dinheiro da família, gritavam, até por vaidade pessoal, a sua revolução; tomavam-se ares de sacrificados, explicavam ao pai um R no fim do ano através duma vingança do mestre reaccionário; usavam laço vermelho para irritar os lentes e ostentar o mais berrantemente possível as suas idéias renovadoras e humanitárias. Saíam da Universidade, com a carta de bacharel nas mãos e, passados os tais primeiros tempos de vida nova, andavam a lambar as

botas ao cacique político da sua região, entravam em todos os cambalaixos eleitorais, casavam com uma donzela prendada e rica, sobretudo rica ou de família importante, e faziam todos os possíveis, honestos e desonestos, por arranjar uma cadeira em S. Bento, trampolim apropriado para um salto sobre um lugar chorudo. Tudo o que fizeram em Coimbra lá ficava, tinham sido aventuras ingénuas da mocidade, romantismos dos bons tempos, que eram depois recordados com saudade quando se encontravam e misturados com aventuras amorosas com alguma tricana ou alguma actriz mais fácil que passara pelo Príncipe D. Luiz. A experiência da vida, isto é, os interesses pessoais que começavam a nascer, vinha demonstrar que tóda aquela revolução era apenas vagas utopias irrealizáveis, próprias para alimentar a imaginação exuberante da juventude. Em Coimbra era fácil ser-se revolucionário, fácil e até necessário; fora de Coimbra, faltava a mesada e era preciso lançar os alicerces de uma vida própria, criar família, enriquecer, triunfar, manter o prestígio político dos pais ou dos parentes.

Antero não era dêsses. Se o quisesse ser, triunfaria imediatamente. Bastaria um gesto de adesão a qualquer dos partidos da monarquia, para que fôsse guindado à categoria de génio e a qualquer cargo importante na administração do país. Antero era um idealista e amava as suas idéias, que eram as idéias do seu tempo, como se ama uma mulher aos vinte e dois anos, idade em que escreveu êste soneto:

Outra amante não há! não há na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça,
Nem bálsamo mais doce, que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiva, ou se ofereça erguida,
Como quem sabe amar e amar confessa,
Quer nas nuvens se esconda ou apareça
Será sempre ela a «espôsa prometida»!

Nossos desejos para ti, ó guia
Se erguem, bem como os braços do proscrito
Para as bandas da pátria, noite e dia...

Podes fugir... nossa alma, delirante,
Seguir-te-á através do infinito
Até voltar contigo, triunfante!

Um homem que assim amava a sua idéia, que no século XIX era sinónimo da sua causa, não a podia atrair, não se podia vender fôsse porque preço fôsse.

Antero era um homem da revolução, embora nascido no seio de uma família aristocrática, onde o catolicismo de sua mãe dominara o liberalismo de seu pai. O seu génio, se não ultrapassou completamente a sua consciência de classe e sobretudo as ideologias vigentes fora do seu país, fêz dêle um agitador consciente e digno. As idéias da revolução iam-lhe modificando não somente a sua concepção da Vida, mas também os seus próprios sentimentos, a sua psicologia e tôdas as suas aspirações intelectuais e humanas. Foram ruindo os vêlhos ídolos e as antigas mistificações, embora os seus destroços continuem a evitar o triunfo da sua libertação.

Quando a Igreja, através da Carta Encíclica de Pio IX, se levantou contra o liberalismo, Antero publicou um dos seus opúsculos mais notáveis, onde a força agressiva do seu génio polémico se mescla com uma ironia profunda e desconcertante, simultâneamente violenta, mordaz e subtil. Esse opúsculo há-de ficar como um modelo da arte de panfletar. O seu título é verdadeiro e irónico: «Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal».

Antero não se insurge, como liberal, contra a carta encíclica de Sua Santidade, antes chega à conclusão de que a atitude da Igreja só podia ser aquela, que a Igreja cumpriu o seu dever, que entre Ela e o século XIX, havia um abismo que os tornaria inconciliáveis. Supor que a Igreja poderia pactuar com o liberalismo foi um

engano dos liberais. Êle estabelecia com idéias, com símbolos, com figuras, os antagonismos que os separava e o absurdo duma possível conciliação :

«Progressista e homem de tradição! liberal e cativo de Roma! crítico e dogmático! volteriano e asceta! homem de fé e homem de razão! a letra e o espirito! a imobilidade e o movimento! a Idade Média e o Futuro! Hegel e o Evangelho! A abóbada, enfim, da catedral, fria, escura, estreita, e o céu da vida largo, luminoso e infinito!»

Para Antero não podia haver conciliação possível, erro era julgar que ela pudesse existir. A luta estava lançada :

«A ciência é a alma do Mundo, porque o seu nome diz-se liberdade.

«O nome da Igreja é autoridade.

«A fé na ciência, no progresso, na liberdade, no século — contra a fé, a imobilidade, a autoridade e a igreja!»

E nessa luta não podia haver pactos, nem transigências. assim o julgava o seu idealismo exaltado e revolucionário :

«Só uma coisa, podemos afirmar. Ê que a humanidade não volta a pôr os pés nos vestígios dos passos das antigas e quasi esquecidas viagens. Duas vezes não pode ela passar pelo mesmo caminho. E, se alguma mão tão audaz ousar arrastá-la para êsses desertos de há séculos aonde chorou e penou e quasi por milagre saiu, então! essa mão é ímpia, por força atenta contra a lei eterna do homem que é o progresso — essa mão terá de ser decepada».

Ao colocar a questão com essa clareza e com êsse desassombro, Antero demonstrava que a sua educação católica tinha sido vencida pelo seu idealismo revolucionário. O seu cristianismo é que não, êsse continuava a resistir. Jesus Cristo, o mártir que morrera pela Humanidade, o homem que vivera prégando a caridade,

a igualdade e o Amor, continuava a segui-lo como uma sombra. O catolicismo é que era incompatível com o liberalismo, o cristianismo não. O cristianismo seria o seu aliado mais poderoso, a sua fórmula moral mais perfeita, a sua mística mais sincera.

O catolicismo era a mancha do cristianismo, a sua negação, a sua traição:

«Oh religião do amor! eu vejo a abóbada da Inquisição servindo de cúpula à tua Igreja». É um grito do seu misticismo cristão.

Antero tinha dentro de si, aos 22 anos, as três forças que o acompanharam pela vida fora, até ao fim: O idealismo, a fé socialista e o cristianismo. Libertara-se da fórmula religiosa do catolicismo. A dúvida teológica tinha evoluído no sentido de uma conciliação entre o idealismo triunfante do seu século e o problema de Deus, que estava na base das mais remotas aspirações metafísicas do homem. Antero continuava deísta, embora a idéia de Deus tivesse evoluído com a sua cultura racionalista, que a-pesar-de lhe negar o dogmatismo da sua certeza teológica, dogmática e primária, não tinha vencido totalmente o seu temperamento místico que continuava a acreditar em Deus. Não em Jeová, o Deus primitivo que Moisés revelou, mas na Idéia, o Deus que brotava da filosofia de Hegel:

«Toma-o nas mãos Moisés, mostra-o ao Mundo e chama-se Jeová. Ergue-o Maomet entre os povos, e chama-se Alá. Deixa-o Cristo cair do alto da sua cruz, e chama-se Amor. De cima duma guilhotina o atira Robespierre para o meio das multidões, e chamam-lhe direitos do homem e Revolução. E Hegel levantando a cabeça de sob as ondas imóveis e tristes da abstracção, lança nos ventos, que a levem ao Mundo, esta palavra — Idéia!

«Esse vulto imenso, a que ainda chamam Deus é apenas a sombra do ideal humano, que acha o manto estreito e se alarga pelo espaço. Concebe o absoluto nos limites da sua relatividade. Por seus mesmos passos

mede o caminho do infinito. E, nos últimos limites aonde o alcança o seu pensamento, ergue êle as balizas extremas do possível! As religiões são os marcos sucessivos das mais longas corridas do seu desejo no caminho do infinito: mas não são o têrmo dessa estrada, que se perde nas névoas do intangível e cujos desvios últimos pé algum pôde ainda pisar. É por isso que os Deuses morrem, se sucedem e transformam. Vê-se o fim dessas eternidades — e o homem, que as criara para perder incerteza do seu transitório destino, o seu coração, o seu ideal sobrevive-lhe, e é êle quem parece eterno ao pé dêsses absolutos passageiros!»

Para Antero de Quental, Deus tinha deixado de ser o criador dos homens, mas antes era o homem o criador dos Deuses. Os têrmos do problema tinham-se invertido, o hegelianismo substituíra-se ao catolicismo, embora sob o aspecto moral a religião do amor de Jesus Cristo continuasse a ser uma das suas verdades. Era o humanismo do século XIX, que Antero exprime desta forma lapidar:

«O fim do homem é ser homem».

E é o humanismo do século XIX todo o conteúdo das «Odes Modernas». Assim como Camões foi o génio que cantou para Portugal o Humanismo da Renascença, Antero de Quental seria o génio nascido para cantar, entre nós, o Humanismo da Revolução; e se não escreveu os seus «Lusiadas», foi porque faltou a Antero, não o génio ou o talento, mas sim apenas a libertação integral do passado, condição essencial para o transformar num poeta épico.

Esteve a um palmo dêsse feito grandioso e deu um grande passo para o alcançar. Êsse passo foram as «Odes Modernas», livro estranho e irreverente, que surge em 1865, um ano depois de ter terminado o seu curso de Direito. Nas «Odes Modernas», Antero derramou os ideais da revolução, tôdas as ideologias renovadoras e tôdas as ânsias sociais e humanas da Europa do seu

tempo. As «Odes Modernas» são a esperança e a certeza da vitória, a confiança no Progresso, a fé na liberdade, a aspiração das igualdades sociais, a exaltação do povo, a glorificação do trabalho, a poesia da Revolução. Elas são românticas e racionalistas, simultâneamente, metafísicas e ingénuas, concretas e abstractas, subjectivas e objectivas. Estas aparentes contradições são apenas o paradoxo do idealismo do século passado, nas suas múltiplas correntes, que se desmentem e se afirmam umas às outras, através de uma anarquia constante, mas fecunda, porque começa a demonstrar a agonia latente da metafísica.

As «Odes Modernas» são um grito na noite peninsular, são a voz da Europa, do Século e da Revolução falando pela bôca de um poeta ibérico, do homem que, dentro das barreiras dos Pirineus e de Torquemada, prégava aos quatro pontos cardiais do seu isolamento, o humanismo novo que assolava a Europa. É o universalismo:

Porque o vento, sabei-o, é prégador
Que através das soidões vai missionando
A eterna lei do universal amor.

São as idéias humanitárias do socialismo idealista, através de um anarquismo social e cósmico:

Que há lugar no banquete para todos :
Que a vida não é átomo tenuíssimo,
Que um feliz apanhou, no ar, voando,
E guardou para si, e os outros, pobres
Deserdados, invejam — é o ar todo,
Que respiramos ; e êsse, inda mais livre
Que nos respira a alma — a terra firme,
Onde pomos os pés, e o céu profundo
Aonde o olhar erguemos — é o imenso
Que se infiltra do átomo ao colosso ;
Que se ocultou aqui, e além se mostra ;
Que traz a luz dourada e leva a treva ;
Que dá raiva às paixões, e unge os seios
Com o bálsamo do amor ; que ao vício, ao crime

Agita, impele e anima, e que à virtude
 Lá dá consolações — que beija as fronte
 Do povo e rei, de nobre e de mendigo ;
 E embala a floi, e eleva as grandes vagas ;
 Que tem lugar no seio, para todos
 Que está no rir, e está também nas lágrimas
 E está na bacanal como na prece !

É a luta entre os opressores e oprimidos :

Os que trazem na mão a Cruz de Cristo
 (Onde a Cristo pregaram) e os que apertam
 Com o quante ferrado a cruz da espada !
 Os que do peito humano fazem cunho
 E vasando-lhe prantos, lhes sai ouro !
 Os cabos do exército traidores,
 Porta-bandeiras que o pendão venderam ;
 Que, vendo na auriflama esta palavra,
 Justiça escrita, vão (línguas de vóbora)
 Lambendo a letra de ouro, e baba horrível,
 Deixa bordado a fio de peçonha
 O mote dêles «Interêsse! os sábios»
 Que andam tapando o Sol c'oa capa negra !
 Os Cains, que subindo sôbre a espádua
 Dos irmãos, lhe deixaram em cada ombro
 — Marca de servidão — beijo do inferno
 Ferido dos sapatos tauxiados !
 Os leprosos que põem ouro nas chagas !
 Os que vendem Cristo a cada dia,
 E o renegam três vezes cada noite !
 Os herdeiros do Abuso ! os feudatários
 Do crime ! os titulares da Ignomínia !

Nas «Odes Modernas», está também a história da sua geração, a aventura daquele punhado de homens, que apesar de pertencerem à classe dominante, vinham desde do princípio da mocidade empenhados numa luta titânica de libertação individual e de renovação colectiva :

Com que passo tremente se caminha
 Em busca dos caminhos encobertos !
 Como se estão volvendo olhos incertos !
 Como esta geração marcha sòzinha !

Fechado, em volta, o céu! o mar escuro!
 A noite, longa! o dia, duvidoso!
 Vai o giro dos céus bem vagaroso
 Vem longe ainda a praia do futuro...

Era a luta daquela mocidade irreverente e ousada contra o isolamento peninsular, contra o marasmo do país, contra a sua própria condição, contra tudo que a cercava, a envolvia e a dominava:

É a luta sem glória! é ser vencido
 Por uma oculta, súbita fraqueza!
 Um desalento, uma íntima tristeza
 Que a morte leva... sem se ter vivido.

Essa oculta e súbita fraqueza não serão os complexos de consciência, que ficavam adormecidos e que surgiam sempre nos momentos críticos, sobrepondo-se a toda a força de libertação? Aquêles complexos que dentro d'êlo, Antero, nunca se calaram e que o levaram ao desânimo, ao pessimismo, ao desespero e ao suicídio? Aquêles complexos que empurraram Eça, Ramalho, Oliveira Martins, para o Vencidismo? Que levaram Jnnqueiro e Gomes Leal para a conversão?

É o próprio Antero que nos diz que sim:

Cada pedra, que cai dos muros lassos
 Do trémulo castelo do passado,
 Deixa um peito partido, arruinado
 É um coração aberto em dous pedaços!

Mas é ainda Antero, o mais heróico de todos, é ainda êle o único que teve coragem para se matar, quando o seu idealismo o traiçoo — e não êle ao seu idealismo, como muitos idealistas pretendem, hoje, fazer crer; é ainda êle que grita com toda a força dos seus pulmões:

Sim! que é preciso caminhar avante!
 Andar! passar por cima dos soluços!
 Como quem numa mina vai de bruços,
 Olhar apenas uma luz distante!

É preciso passar sôbre ruínas,
 Como quem vai pisando um chão de flores!
 Ouvir as maldições, ais e clamores
 Como quem ouve músicas divinas!

Beber, em taça túrbida, o veneno,
 Sem contrair o lábio palpitante!
 Atravessar os circos de Dante,
 E trazer d'esse inferno o olhar sereno!

Ter um manto da casta luz das crenças,
 Para cobrir as trevas da miséria!
 Ter a vara, o condão da fada aérea
 Que em ouro torne estas areas densas!

E, quando, sem temor e sem saúde,
 Poderdes, d'entre o pó dessa ruína
 Erguer o olhar à cúpula divina
 Heis de então ver a «nova claridade».

Heis de então ver, ao descerrar do escuro,
 Bem como o cumprimento de um agouro,
 Abrir-se, como grandes portas de ouro,
 As inúmeras auroras do Futuro!

Estas quadras admiráveis são um manifesto dirigido à mocidade que começava a querer cortar com a agonia do passado, são um grito de entusiasmo, de fé e de certeza. É para êsses homens que êle escreveu as suas Odes. Para êles o Mundo vai-se renovar, nascer, ressuscitar:

A ossada das Babeis do Mundo Antigo
 Gemeu — e viu-se então êsse esqueleto
 A luz de incêndio extranha, aconchegando,
 Como se fôsse carne aos ossos, resto
 Da mortalha de púrpura d'outrora.
 Mas os vermes roeram-lhe a mortalha
 E bem se vê a ossada nua.

E êsse Mundo velho, êsse passado carunchoso não cairá por suas próprias mãos, mas antes haverá uma fôrça, uma nova fôrça capaz de o fazer ruir :

Eu tenho visto a pedra, desprendida
 Da montanha, levar meia floresta
 Na carreira — e não há-de êsse granito
 Colossal, que é o Povo, despregado
 Por mãos do tempo, com trabalho imenso
 Ao rolar no declive da história
 Esmagar, ao correr, os troncos sêcos
 E o mirrado ossuário do passado ?
 Não há-de o solo heróico, que se agita,
 Lançar ao ar castelos e cidades ?
 Há-de abrir-se o vulcão só por que atire
 Um só jacto de fumo e cinza apenas ?
 E a alma dos homens há-de entrar nas dores
 De um parto crudelíssimo, e volver-se
 Num leito de torturas, porque o feto
 Predestinado, a pálida Esperança,
 Fruto de mil angústias, em chegando
 A ver a luz se chame "desespero" ?

Êles sabem que não. Sabem que o oceano
 Chamado humanidade, gasta séculos
 A revolver, lá dentro em si, uma idéia ;
 Mas que, se um dia chega a vê-la clara,
 A frase com que a deita ao Mundo é o estrondo
 Da Tormenta... e é seu "verbo" o cataclismo.

É apologia da acção, a certeza da vitória, a grandeza poética e física dessa acção e dessa vitória, libertação completa de todo «O Passado! essa larva macilenta, mixto de podridão, tristeza e sombras» ! É o povo agindo, o povo vencendo, é o povo invadindo todos os recantos do estabelecido :

O Povo há-de inda um dia entrar dentro do Templo,
 E há-de essa rude mão erguer-se sôbre o altar ;
 E há-de dar de piedade um grande e novo exemplo,
 E, ao púlpito subindo, o Mundo missionar.

.....

O povo há-de fazer-se, então, bispo e levita ;
 E será «missa nova», a missa que disser
 E há-de achar sermão por tema o que medita
 Hoje confuso e está na mente a resolver.

.....
 Sabeis que missa nova essa é que diz o Povo ?
 E o órgão colossal que, em breve, vai soar ?
 Qual é o novo altar e o Evangelho Novo ?
 E o tema do sermão que às gentes vais prègar ?

O Evangelho Novo é a bíblia da Igualdade ;
 Justiça, é êsse tema imenso do sermão ;
 A missa nova, essa é missa de Liberdade ;
 E órgão a acompanhar... A voz da Revolução.

A sua fé religiosa desapareceu para dar lugar à sua fé revolucionária, o seu catolicismo não podia viver conjuntamente com o seu socialismo. Era o golpe mais rude que Antero vibrava dentro de si mesmo e que, expresso nos seus versos, iria atingir o país inteiro, acordá-lo do seu sono secular :

Se já desaba o teto das Igrejas
 E o docel dêsses Tronos,
 É porque um outro céu maior nos cubra
 O céu da Liberdade !

E sob o céu da liberdade antevia o idealismo anterior o advento de um novo Mundo.

O novo Mundo é tôda uma alma nova,
 Um homem novo, um Deus desconhecido !

Antero ataca todo o Mundo estabelecido: a Burguesia, a Igreja, as formas de govêrno, o princípio da Autoridade, etc., etc. Dirige poemas à Europa, à libertação da Polónia, às novas concepções da história, à Liberdade, à Igualdade, à Revolução. Canta o seu século, o que morreu e o que vai nascer, o embate das forças do

passado e do futuro, dentro do presente que êle ansiava. A vitória será do futuro, o passado é a inércia que resiste. O Povo é a força que vencerá o passado para conquistar o Futuro.

O idealismo de Antero atinge nas suas Odes tôda a sua expressão humana e filosófica.

O homem que tinha revolucionado a Academia queria revolucionar o país. As «Odes Modernas» foram pedras atiradas sôbre a superfície morta de um lago. A mocidade coimbrã delirou com mais essa afirmação de Antero, já figura lendária para os que chegavam de novo à Universidade, e cujo perfil gigantesco, complexo de altivez, de dignidade e de génio, se mantinha sempre, mesmo em relação àqueles que com êle conviviam mais de perto.

O resto do país não compreendeu nem atingiu o verdadeiro sentido das suas estrofes. O sebastianismo nacional encontrava naqueles versos o mais categórico dos desmentidos. A tradição, o passado e mais tudo aquilo que era motivo de orgulho e das aspirações de alguns, que interpretavam o país como porção de território isolado dentro das suas fronteiras e a nação como qualquer coisa de independente do mundo europeu, o que lhes dava um ideal de pátria estreito e teórico — provocando um misticismo histórico e saudosista e uma política nacionalista quixotesca e retórica — foram abalados por aquêlê manifesto poético, veemente e sincero.

A Igreja, respeitada e, mais do que respeitada, temida, através daquela força que lhe vinha dos seus séculos de vigência e do terrorismo da Inquisição, recebia em cheio aquêlê golpe de ousadia, de decisão e de desassombro que vinha duma voz estranha e nova, que clamava em têrmos eloqüentes e vivos as heresias racionalistas do século. O escolasticismo que dominava nas escolas tremeu, pois sofria o seu primeiro e, talvez, o mais violento embate de todos os tempos. A ignorância dos «clercs» da época

ficava boquiaberta diante daquêle hino feito de sacrilégios, onde vibrava todo o aspirar, todo o pensar, todo o sentir da revolução que agitava a Europa nas suas entranhas há quasi um século. As «Odes Modernas» nem pareciam escritas em língua portuguesa, tal o novo sentido que nelas tomavam as idéias, os sentimentos, as metáforas e os próprios vocábulos. Os artistas consagrados, os génios oficiais, repudiaram aquella poesia, para êles sacrilega e disforme. Aquelas palavras não tinham ainda fôro poético, aquellas idéias, que êles não compreendiam, não podiam encher uma Ode. Para êles o conteúdo e a forma das «Odes Modernas» não eram poesia, eram política e política da má, subversiva, perniciosa, atentatória não tão sòmente das instituições políticas do país mas também da própria tradição literária que vinha desde os trovadores. O público literário, o escasso público que em Portugal lia os poetas, também não compreendeu as «Odes Modernas». Tinha os ouvidos habituados ao ritmo do «Noivado do Sepulcro» e um sentimentalismo, que em máximo acto de heroísmo, só podia vibrar com o «D. Jaime». O povo, aquella fôrça que êle julgava activa e heróica, capaz de cometer os grandes feitos, era sòmente mais uma abstracção do seu idealismo, mais uma criação utópica do seu socialismo idealista, mais uma expressão verbal do seu anarquismo político. O povo, na realidade, era uma amálgama de homens, mulheres e crianças, pobres, miseráveis, analfabetos, incapazes, portanto, por impossibilidade económica, social e cultural de compreender o sentido das suas «Odes».

Ninguém, portanto, a não ser alguns poucos dos seus companheiros de Coimbra, abriu os olhos para enxergar em tôda a amplidão o poder daquêle poeta que abria novos horizontes à literatura e à cultura do seu país, integrando-as na Europa, universalizando-as, enriquecendo-as com o início de uma obra de criação, de agitação e de aprofundamento até hoje inegalável, só

comparável, como simile na nossa história literária, ao génio renascentista de Camões.

*

* *

Antero, ao lançar ao país as suas «Odes», já sabia as reacções que elas produziriam. Os seus poemas não eram simplesmente explosão sentimental descontrolada e inconsequente; na sua poesia não viviam sòmente as suas inquietações subjectivas. Por tudo isso, Antero escreveu no final do seu livro como que a sua justificação e explicação:

«Que os meus quási patrícios de Portugal se não aterrem! Tôdas essas coisas anárquicas estão a cinqüenta e a cem léguas das nossas terras patriarcais e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarcais inteligências».

Na nota intitulada «Sobre a Missão Revolucionária da Poesia», Antero diz em prosa, na sua prosa viril e elevada, o sentido dos seus poemas:

«O Estado, a Igreja, o Ensino, a Família, a Arte, a Propriedade, tudo isto exala hoje um fartum sulfuroso e infernal de heresia e a revolução que sufoca — mas tudo isto cora virginalmente de pejo, geme e se aflige com a injustiça, se o não comparam pelo menos com os tempos seráficos de Gregório VII e de Carlos Magno.

«Que provam tôdas estas contradições, esta hipocrisia do tempo, êste maquiavelismo inconsciente da nossa sociedade, senão o triunfo da Revolução que domina, penetra, arrasta os seus próprios inimigos e até lhes fornece as mesmas armas com que cuidam feri-lade morte nos seus embates grosseiros de pigmeus? Prova uma outra coisa ainda e mais grave, porque envolve uma ruína moral. É a desorganização, o esfacelamento espiritual de uma classe, que foi grande e viva enquanto

soube conservar dentro de si a fé e o calor das idéias revolucionárias e que, em menos de cinqüenta anos jaz caída por tôda a parte, vacilando à mercê de todos os ventos; e, aí mesmo onde ainda triunfa, perdeu a coragem, a intelligência, a consciência do tempo, de si e da situação actual da sociedade!

«A sua cobardia actual, a sua ambição egoista, a sua corrupta avareza, para tudo dizer, fazem dela uma coisa fatalmente em opposição com as suas origens, com a situação que ela mesmo criou, com as grandes contradicções, enfim, de um passado de ontem e que já hoje a afflige como um remorso. Metade do corpo quere ir, forceja, precipita-se; mas a outra metade, como sob a influencia de um sortilégio mortal, recusa-se ao mesmo movimento. São as forças contraditórias, desencadeadas pela doença final, que se contém já sôbre êsse miserável corpo votado à morte! Daí a cegueira, a banalidade, o mêdo, dilaceração inteira que caracterizam hoje a classe-média — a sua condenação».

Poucas vezes o idealismo de Antero atingiu tal ponto; êle aqui esteve a dois passos da sua libertação integral que nunca chegou a alcançar. A presença de Hegel é notória e se Antero tem ido além do grande crítico do idealismo, tinha dado o seu passo decisivo.

Se deixou êste aviso ao país, deixou também êste aos poetas, aos críticos, aos intellectuais:

«¿Que importa que a palavra não pareça poética às vestais literárias do culto da Arte pela Arte? No ruído espantoso do desabar dos impérios e das religiões há ainda uma harmonia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada dêste mistério, que é o destino das Sociedades».

E a certa altura afirma:

«A poesia é a confissão sincera do pensamento mais íntimo de uma idade — a Poesia Moderna é a voz da Revolução».

A-pesar dêsse aviso prévio os escritores oficiali-

zados do tempo não fizeram um esforço de compreensão, e mesmo que o fizessem não compreenderiam as «Odes Modernas». Não se tratava de uma questão de inteligência mas, sim, antes, de uma questão de consciência.

Além disso, as «Odes» não traziam o beneplácito de um corifeu da literatura e era êsse o seu pecado original. Não havia poeta jovem que não surgisse sem ir buscar primeiro a António Feliciano de Castilho a sua aprovação. Antero aparecia sozinho, sem estacas e sem muletas, amparado apenas pelo seu inconformismo e pelo seu génio.

Ao ler as «Odes Modernas», Castilho sentiu-se despeitado; gostava de tocar com o dedo da sua infalibilidade de papa literário na fonte dos neófitos. É pecha dos consagrados de todos os tempos, que não vêem que só podem ser padrinhos dos seus continuadores, porque aquêles que são realmente novos, que representam uma nova época literária e uma nova consciência social não podem vir pela mão daqueles outros que êles começam por superar. Mas Castilho é que não compreendeu — é uma limitação que deriva do seu próprio desconhecimento — e esperou pela ocasião propícia. Antero já era o segundo moço coimbrão que rompia com a tradição. Teófilo tinha sido o primeiro. As suas «Tempestades Sonoras» também tinham prescindido de apresentação. E a ocasião chegou.

Manuel Pinheiro Chagas, precisamente por ser uma figura secundária, surgia como «génio» na opinião dos consagrados e António Feliciano de Castilho, o mestre aureolado, entregava-lhe a corôa de loiros no prefácio do seu livro «O Poema da Mocidade». Nesse prefácio, Castilho chegou a alvitrar que Pinheiro Chagas fôsse nomeado professor oficial de um curso de literatura, que se devia criar para bem das letras nacionais. Não era, portanto, um prefácio que abrangesse o livro, Castilho foi mais longe, e tão longe, que atacou Antero,

Teófilo e Vieira de Castro. Falava com aquêles ar superior, tão comum aos talentos oficializados, falava do alto da cátedra, com um sorriso de ironia e de superioridade ao canto da bôca e aquelas palavras pretensiosas e de escarninho de quem não leva a sério os que começam e, sobretudo, aquêles que começam com irreverência e seguindo com os seus próprios pés pelos seus próprios caminhos:

«Uma de duas: ou cada um dêesses três mancebos é perfeito ou não.

«Se é perfeito, ninguém tema por êles: são três águias que nasceram adultas; que os seus vôos empolgarão os raios; e até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem por as derrubar dos píncaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudi-las não é senão embalá-las enquanto sonham na imensidade, no sol e na glória.

«Se porém não nasceram com o inaudito privilégio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum dêles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notáveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têm, como homens em princípio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando!... se daqui a dez outonos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum dêles há-de ser tão milagrosamente ditoso que aprove em cheio e à carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto hoje pensa — que lhes faz a crítica senão antecipar-lhes de certo modo a experiêcia? Conspirar com êles mesmo para a boa fama que nunca se conquistou sem sacrificios!...

«Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de quem pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será dêles afinal, por Vieira de Castro digo eu o que o próprio Pinheiro Chagas nunca se lembrou de contestar-lhe; que é um

talento verdadeiro, grandioso, exuberante e dum futuro que me parece cobiçável».

Como se vê Castilho usava tôda a terminologia do costume, chamava paternalmente «jovem» a Antero, Teófilo Braga e Vieira de Castro; usava o argumento da experiência que é sempre aquêle que os velhos usam quando falam com os novos, o que é uma estreiteza por duas razões: primeiro, porque o velho sabe que o novo não se pode defender com o mesmo argumento, visto não possuir a tal experiência dos anos; segundo, porque a experiência individual de cada um só a êsse aproveita. Generalizar essa experiência é supor que a vida é igual para todos os homens e que todos os homens são psicológica e socialmente iguais. Ora, essa igualdade, se não se verifica em dois homens da mesma época e da mesma classe, menos em homens de épocas diferentes e de classes diversas. A ironia comum aos velhos em dizer que os novos voam alto, que se julgam inatingíveis, também lá está, etc., etc.

De todo o escrito de Castilho ressalta a absoluta falta de conhecimento do valor de Antero de Quental, que é colocado abaixo do próprio Pinheiro Chagas. Outra pecha dos «génios» consagrados é a de só serem capazes de reconhecer valor aos medíocres, precisamente porque os medíocres, por falta de talento para vencer os preconceitos da classe dominante, se colam ao estabelecido, e aos consagrados. Esta falta de visão no julgamento das figuras e dos movimentos que lhes sucedem não aconteceu simplesmente em relação a Castilho, aconteceu também com o próprio génio do grande Camilo, que não foi capaz de conhecer desde logo a verdadeira medida daquele outro escritor genial que surgia para a literatura portuguesa.

Os consagrados não agem de má fé propositamente, é a sua própria consciência que não lhes deixa enxergar o equívoco. Foi o que aconteceu principalmente com Castilho, nessa altura já velho e cego.

Antero saíu logo à estacada. Não porque o seu caso pessoal lhe interessasse, mas porque era mais um pretexto para o seu combate, um pretexto idêntico ao Reitor Sousa Pinto, ao príncipe Humberto e ao nascimento de D. Carlos. E Antero responde ao fundador do seu antigo Colégio do Pórtico, no folheto intitulado «Bom Senso e Bom Gôsto», que deu origem à célebre «Questão Coimbrã». Era uma carta dirigida a Castilho, o ídolo até aí mimoseado com todos os adjectivos, o ancião respeitado pelas cans e pelo talento, o oráculo dos novos, o infalível papa das letras. Era mais um mito contra quem Antero tinha que lutar. Não contra o António Feliciano de Castilho que escrevera as «Cartas de Eco a Narciso», que traduzira Ovídio e Anacreonte, mas sim antes contra tudo aquilo que êle simbolizava. Assim, como o reitor Sousa Pinto tinha simbolizado a reacção e a tirania, o príncipe Humberto a Itália libertada e esta a revolução, assim o velho Castilho representava o velho romantismo clássico, decadente, decrépito, já sem finalidade e beleza, vivendo exclusivamente de caprichos formais já sem conteúdo e vibração estética e humana. Antero sai à liça sem dó nem piedade e não respeita nem a velhice, nem a cegueira de Castilho. Êle põe a sua causa — a sua causa social, política, cultural, está claro — acima de todos os preconceitos, fôssem êles quais fôssem.

O Antero, bondoso, grande coração e grande alma, atinge desta maneira o próprio Castilho:

«Sim, Ex.^{mo} Snr. Eu não sei se V. Ex.^a tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não: porque a inteligência dos hábeis, dos prudentes, dos esportíssimos é muitas vezes cega em lhe faltando uma coisa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes: a boa fé.

«O que se ataca na escola de Coimbra (talvez V. Ex.^a o ignore, porque há malévolos inocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atre-

vida, um estilo ou uma idéia. Mas a guerra faz-se à independência irreverente de escritores, que entendem fazer por si só o seu caminho, sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência. A guerra faz-se ao escândalo inaudito duma literatura desaforada que cuidou poder correr mundo sem o sêlo e o visto da chancelaria dos grãos mestres oficiais. A guerra faz-se à impiedade dêstes hereges das letras, que se revoltam contra a autoridade dos papas e dos pontífices porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas fontes o sinal da infalibilidade».

Antero tinha posto o dedo na ferida, tocado no ninho de ressentimentos pessoais donde tinham voado as metáforas paternais e conselheirais de Castilho. Mas não ficou por aqui tudo quanto Antero escreveu nesse panfleto-carta, ao mesmo tempo esclarecida e entusiástica, que marca bem o valor dêsse homem excepcional, embora depois da sua leitura Camilo ainda ousasse chamá-lo «transnoitado e transmontado». Até os maiores se cegam quando a questão não é sômente de palavras, mas luta de consciências. É que Antero nesse panfleto ficou muito acima de todos que com êle discutiram e Camilo, o grande Camilo, talvez no fundo do seu subconsciente compreendesse a vitória dêsse jovem tão entusiasta como claro, lógico e convincente. Antero tinha acabado com a polémica de insulto, na qual Camilo fôra o campeão, e iniciado a polémica das idéias. O seu panfleto convencia, conforme ia avançando nas suas considerações:

«V. Ex.^a com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é não só mal feita, mas também pequena e miseravelmente feita. Mas é que a escola de Coimbra cometeu efectivamente alguma coisa pior do que um crime — cometeu uma grande falta — quis inovar. Ora, para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso

do que manchar a verdade com a baba dos sofismas, do que envenenar com o êrro as fontes do espírito público, do que pensar mal, do que escrever pèssimamente, é essa falta de querer caminhar por si, de dizer e não de repetir, de inventar e não de copiar. Por quê? Porque todos os outros crimes eram contra as idéias: haveria sempre um perdão para êles. Mas essa falta era contra as pessoas: e essas são imperdoáveis. Provar e dizer aos profetas, aos reveladores encartados: há alguma coisa que vós ignorais; alguma coisa que nunca pensastes nem dissestes; há mundo além do tudo que se vê com os vossos óculos de teatro; há mundo maior do que os vossos sistemas, mais profundo do que os vossos folhetins; há universo um pouco mais extenso e mais agradável sobretudo do que os vossos livros e os vossos discursos. Isto sim, que é intolerável! Isto sim, que é infame e revoltante e ímpio e subversivo! Contra isto, sim, às armas, ergamo-nos na nossa fôrça, mostremos o que somos e o que podemos... escrevamos três folhetins e um prólogo!...

«V. Ex.^a fez-se chefe desta cruzada tão desgraçada como mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pêsames por tão triste papel. Mas se eu, como homem, desprezo e esqueço, como escritor é que não posso calar-me; porque atacar a independência de pensamento, a liberdade dos espíritos, é não só ofender o que há de mais santo nos indivíduos, mas ainda é lançar mão roubadora contra o património sagrado da Humanidade — o futuro. O contrário disto tudo é que é a bela, a imensa missão do escritor. É um sacerdócio, um officio público e religioso da guarda incorruptível das idéias, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso tôda a altura, tôda a nobreza interior são poucas ainda. Para isso tôda a independência de espírito, tôda a despreocupação de vaidades, tôda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de autoridades, nunca será de mais!»

O manifesto era mais do que uma resposta às considerações de Castilho, era uma lição de dignidade e de grandeza, que só um homem como Antero a poderia dar, em tôda a sua amplitude e complexidade. A linguagem usada, revestida de uma seriedade hierática, era a mais pura originalidade na estreiteza consuetudinária da cultura portuguesa. Antero não só dizia aquilo que o escritor devia ser, mas aquilo que êle realmente era no seu tempo:

«No peito dos outros, dos que andam de capela em capela na lida afanosa de incensar cada dia todos os ídolos, dos que fazem da glória uma bastilha para aventureiros levarem de assalto e não púlpito aonde se suba com respeito e amor, no peito dêsses não habita mais do que ambição, vaidade, endurecimento e miséria. Êsses lisonjeiam os grandes; e os grandes dão-lhes a mão para que subam e desprezam-nos depois. Lisonjeiam as maiorias; e as maiorias inconstantes lançam-lhes no regaço um pouco de ouro e algum aplauso de momento, e depois passam e esquecem. Afagam tôdas as vaidades; e tem em cada vício humano um capital, cujo juro dissipam em quanto vivos, porque essa moeda corrompida para mais ninguém serve. Enfim, nos quinze ou vinte anos em que dão de falar às gazetas, aos botequins, aos grêmios, a todos os vadios, a todos os fúteis, folgam, vivem alegres e esquecidos de tudo quanto não seja a satisfação do quê há no homem de mais pequeno — a vaidade e o interêsse».

... «Os outros adoram a palavra que ilude o vulgo, e desprezam a idéia, que custa muito e nada luz. São apóstolos do dicionário e têm por evangelho o tratado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento de suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção literária, porque se presta à declamação poética, mas praticam o mal por índole e por vontade. Fazem-nos descreer da grandeza humana, porque são sofismas que nos mostram a pequenez e a má fé aonde as aparências são tôdas de

nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dito há mil anos, e fazem-nos duvidar se o espírito humano será estéril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Poem os nadas em pé para parecerem alguma coisa».

Antero acabava por criticar acerbamente a obra literária de Castilho, até ali intangível. Ao admirável panfleto de Antero responde ainda o velho Castilho com a sua ironia olímpica de consagrado, com o sorriso de habitante do sétimo céu, chamando aos jovens da geração de Coimbra: «Hugozinhos de pechisbeque, meia dúzia de criançalhos inocentes, de nula educação e instintos péssimos». No entanto, a polémica não se circunscreveu a Castilho e Antero. Pelo lado do primeiro esteve Pinheiro Chagas e até Camilo, e pelo lado de Antero, esteve Teófilo Braga, que também tinha sido alvejado no prefácio do «Poema da Mocidade». Antero vem mais uma vez à luta com o seu panfleto «A dignidade das letras e das literaturas oficiais».

A sua dignidade de homem e de escritor tornava, contudo, a bradar no deserto árido e inóspito que era Portugal:

«Não sacrifiquei ao orgulho, ao interêsse, ao egoísmo da mais pequenina das vaidades — a vaidade literária».

Falava com êste desassombro e esta superioridade o maior poeta português do século XIX, que era simultaneamente o homem que não se podia calar, o homem novo que já nascia dos escombros da sua idade. Antero insurgia-se contra as literaturas oficializadas:

«Uma literatura cortezá, convencional, respeitadora de tôdas as conveniências, menos da verdade, só pode ser aplaudida pela multidão dos ociosos, dos banais, cujo mau gôsto iludem as aparências de estilo, melodias de forma e exterioridades.

«O povo, a verdadeira nação, isto é, os homens que sentem e os homens que pensam, êsses não têm simpatia

nem admiração pelos formosos sofismas duma arte brilhantemente estéril, que só serve para entorpecer o espírito adormecendo-o ao som de um canto doce mas fraco, sensual e sem altura. Êsses não prezam a retórica, mas só o pensamento. Não amam a poética; basta-lhes a poesia. Não querem ser divertidos, mas sòmente ensinados e melhorados».

Ramalho Ortigão tinha escrito no «Jornal do Pôrto» um artigo onde chamava covarde a Antero de Quental, pelo facto dêste não respeitar nem a cegueira nem a velhice de Castilho e de se ter referido a elas com desdem e ironia. Antero não era homem que se ficasse perante semelhante insulto. A Academia, que conhecia de sobejo o seu carácter e o seu temperamento de lutador, ficou desde logo com a certeza de que Antero tomaria a atitude mais digna. E Antero, um dia, sem dizer nada a ninguém, partiu para o Pôrto, sòzinho, e veio desafiar Ramalho para um duelo. Ramalho era então não só o elegante, o mundano, o escritor cheio de talento, mas também um esgrimista conhecido em todo o país. Apesar disso, Antero vence-o. A notícia chega a Coimbra e os estudantes, mais uma vez, sentem a superioridade daquele homem que os dominava com a sua palavra fluente, com os seus versos admiráveis, com o exemplo da sua vida e da sua obra, com a sua coragem indómita diante de tudo. Êle que tinha desafiado o próprio poder divino, numa noite de tempestade — era uma das suas mais lendárias aventuras — não podia ser vencido com a pena ou com a espada. O resultado inesperado daquele duelo ampliou a sua vitória. Para alguns foi mais eloquente a vitória no «campo da honra», do que a dialética diáfana e vigorosa que usou em tôda a polémica. Para os mais novos valeu mais a estocada que dera no braço de Ramalho do que tôdas as suas violentas metáforas panfletárias. Os jovens são assim: convencem-nos melhor os factos do que as palavras. Antero vencera pela acção o que já tinha vencido no campo literário. Mas aquella vitória não conten-

tava Antero, antes o desgostava. Enquanto o duelo se não realizou, êle sentiu-o necessário. Depois, pareceu-lhe inútil e puro exibicionismo. Se Antero fôsse um literato vulgar, daqueles que têm os olhos sempre postos no sucesso da sua pessoa, talvez tivesse encontrado no resultado do duelo com Ramalho mais um pretexto para ser discutido e apreciado. Mas Antero de Quental não o era; êle nunca viu a literatura como um fim em si mesma, mas sim, antes, como um meio para alcançar os grandes fins do homem, isto é, um elemento ao serviço das suas idéias e da sua causa. Aos vinte anos escrevera: «conheci a beleza que não morre e fiquei triste».

Em Antero o homem transcendia o esteta. Aquela questão tinha sido mais um pretexto; a sua verdadeira luta era maior, mais ampla, mais complexa. Castilho e «as literaturas oficiais» eram outros tantos símbolos, insignificantes amostras de um decrépito mundo social já em crise e em agonia, com o qual o seu espírito jovem e revolucionário combatia, embora a sua natureza e a sua consciência lutassem contra a sua mocidade e a sua revolução. Era doloroso sentir que só vaidades literárias, exibicionismo estéril, ressentimentos mesquinhos, ciumes quási femininos tinham movido os seus adversários naquela luta que êle bem depressa reputou inglória e inseqüente. A questão devia acabar, pois que êle já tinha dito tudo que pensava e sentia e não valia a pena arrastar por mais tempo um pleito, onde nenhuma conciliação seria possível e sobretudo já sem qualquer finalidade ou resultado. Em lugar de ficar em Coimbra, gozando os loiros da sua dupla vitória, Antero de Quental foge para a Figueira da Foz em companhia dos seus amigos mais íntimos, Germano Meireles e Alberto Sampaio, onde esperam que António de Azevedo de Castelo Branco se vá juntar ao grupo.

Na Figueira, o poeta encontra outro dos seus maiores amigos de sempre: o mar, junto do qual se retempera das vicissitudes da luta, com o qual aprende

mais uma lição de heroísmo e de persistência. O mar que envolvia a sua ilha era aquêlê mesmo mar que estava ali contornando Portugal, separando-o do resto do Mundo, ou melhor, unindo a Europa a outros continentes distantes. Mas a Figueira da Foz estava apenas a alguns quilómetros de Coimbra, da Coimbra «encantada e quási fantástica da sua mocidade», que a pouco e pouco ia perdendo os setis encantos antigos. Coimbra era a mocidade e a questão coimbrã representava para o poeta a sua própria maior idade. Depois dos opúsculos «Bom-senso e Bom-gosto» e «A Dignidade das letras e as literaturas officiais», Antero sentia-se responsável diante da letargia mórbida do país, sabia que era preciso deixar os muros da velha Universidade e ampliar para além dêles os efeitos da sua acção e da sua obra. Além disso, a sua vida continuava sem sentido, não sabia o que fazer do canudo de bacharel em Direito.

Muitos caminhos se abriam à sua frente, mas todos êles representavam para a sua sensibilidade de artista, para a sua inteligência lúcida de pensador, para o seu carácter de homem de bem e sobretudo para o seu espírito de lutador e idealista, apenas e sòmente, estreitíssimos bêcos sem saída. Havia a burocracia e a advocacia, a magistratura e a política, a diplomacia e tôdas as outras carreiras a que podia ascender ràpidamente, porque além da sua carta de bacharel tinha o seu talento; e embora ainda não fôsse unanimemente apreciado, possuia uma outra qualidade maior, e para êsses efeitos mais fecunda: era já, unanimemente temido. Mas nada disso serviria de camisa de fôrças ao elan revolucionário de Antero, que só encontrava alguns sérios inimigos pela frente: a consciência de classe dêle próprio, Antero de Quental, o seu temperamento doentamente sensível e o seu espírito dubitativo em excesso, sempre pronto a resvalar para as estêreis meditações metafísicas, religiosas e éticas. Antero olha para todos os caminhos que estão na sua encruzilhada e não quere seguir nenhum, todos surgem

falsos como traições. E resolve tomar uma decisão precária, — um compasso de espera para uma decisão definitiva —, voltar à sua Ilha.

A travessia do Atlântico sugere ao poeta os novos horizontes de uma vida mais utópica do que real. Entre o mar e o céu o seu idealismo ganha mais asas, torna-se mais puro. Os marinheiros do barco que o levava eram todos irmãos, o capitão tinha apenas sôbre os outros dois ou três galões doirados na manga do dolmen azul, que queriam dizer o seu lugar de comando. O mar juntava-os a todos, os pequenos degraus das consciências de classe que os separava desapareciam diante da fraternidade imensa do céu e do mar, do destino comum que todos viviam. Nas tempestades como nas bonanças, as vidas daqueles homens confundiam-se. Nas noites de tempestades, quando o vento emprenhava as velas e o navio virava ora a bombordo, ora a estibordo, como se fôsse uma casca de noz, prestes a submergir-se ao primeiro capricho do mar enraivecido, aquela dezena de homens pensava e sentia em uníssonos a agonia da morte, que os espreitava no desvão de cada onda. Nos dias de bonança quando o barco deslisava como um «*sky*» sôbre uma planície de gelo, aquêles mesmos homens jogavam a bisca no convés, contavam uns aos outros histórias, romances e aventuras que a vida e as viagens lhes tinham ensinado ou ficavam calados diante da imensa lareira líquida do mar, ruminando as saúdes da terra e fumando cachimbadas de tabaco inglês. Em cada pôrto onde abordavam, faziam em terra um bloco unido em relação aos indígenas e às tripulações dos outros barcos. Eram solidários nas brigas das tabernas por causa de um copo de gim ou do sorriso de uma mulher e, quando mar levava um pela borda fóra, o luto era comum.

Antero, a-pesar-de ser homem da ilha, tu lá tu cá com o mar, ainda não tinha sentido o poder de fraternidade que nêle reside, a grandeza humana da sua imensidade líquida, ora brilhante como o dia, ora mais negra

do que a noite, que só se adquire quando se passa a vida inteira no mar, quando se enjoa sôbre a solidez da terra, quando se tem marcado no andar o baloiçar das ondas.

Antero sente que o mundo daqueles homens era aquêle barco que, mal se punha ao largo e atingia o alto mar, era diferente da sociedade egoísta que se dilacerava em terra firme. Ali, tôdas as palavras tinham um novo sentido: Verdade, Justiça, Liberdade eram maiores, só encontravam limites na noite, no mar e no céu. O homem ali era quási um ser cósmico.

Passados dias da sua partida do continente Antero chega á ilha. Lá encontra a mesma paisagem da sua infância, a sua família católica, os recantos da sua casa onde outrora a sua imaginação exaltada de menino criava fantasmas e aparições. Ao voltar à sua Ilha, talvez com vagas intenções de ficar, Antero encontra tudo como dantes. Êle é que já não era o mesmo, o adolescente que tinha partido. Tudo na Ilha o abate e o sufoca, do clima físico ao ambiente humano. Se por temperamento e natureza eram a quietude e a solidão que o atraíam, por espírito e por cultura eram antes o combate, a luta e a conquista que o chamavam. De tudo que aprendera em Coimbra era essa lição de novo heroísmo e de novo humanismo a única coisa profunda que trouxera. Essa lição não lhe foi dada pela Universidade ou pelos lentes, mas pela vida e pelos homens. A sebenta quanto mais depressa esquecida melhor, a vida no todo do seu complexo de actividades e de nuances, essa é que era preciso ser lembrada todos os dias para nunca ser esquecida. A consciência católica e a educação tradicional que levava da Ilha tinham ruído, mas outra consciência e outra educação se lhes tinham substituído. O século XIX corria-lhe nas veias, o seu destino de homem estava ligado ao destino do seu tempo, a sua obra de artista não se alimentava de isolamento, de narcisismo, de satanismo ou de qualquer outro cabotinismo pessoal ou de escola que se bastasse a si próprio. A sua

obra tinha raízes na vida social, na humanidade, nas grandezas, nas alegrias e nas misérias dos outros homens, nas correntes culturais da sua época, na história viva do seu momento histórico.

No retiro da sua nova solidão os seus antigos fantasmas surgiam novamente e êle ficava perplexo diante dos antagonismos latentes na sua própria consciência: uma ânsia aguda de libertação lutando contra as suas inúmeras forças de reacção e o seu temperamento de estoico embatendo de encontro à sua imaginação de metafísico racionalista. Dêsses duelos resultaram períodos intermitentes de optimismo claro e radioso, mesclado com o mais acerbo e decadente pessimismo:

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis
À borda dos abismos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto dos vícios crueis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos.

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada

Viva e trabalhe em plena luz: depois
Seja-me dado, ainda, ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heróis...

É o ataque a todo o narcisismo do artista, a todo o egocentrismo poético, a todo e qualquer subjectivismo egoísta e estéril. É o elogio do amor à vida, do triunfo do homem e da fraternidade social. Neste soneto ecôa um optimismo entusiástico e criador, o que está em contra-

dição com certos sonetos pessimistas, que cronológica-
mente lhe são paralelos :

Lá! Mas aonde é lá? aonde? — Espera,
Coração indomado! o céu, que anseia
A alma fiel, o céu, o céu da idéia,
Em vão o buscas nessa imensa esfera!

O espaço é mudo: a imensidade austera
Debalde noite e dia se incendia...
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna primavera!

O-Paraiso e o templo da Verdade
Oh Mundos, astros, soes, constelações!
Nenhum de vós o tem na imensidade...

A idéa, o summo Bem, o Verbo, a Essência
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da Consciência.

É o metafísico, pronto sempre a semear a dúvida, a complicar a sua vida especulativa, oferecendo-lhe em cada momento uma possibilidade teórica de contradição, que dentro d'ele se projectava como drama de consciência. Antero atinge nesta fase precária da sua vida — a primeira das suas graves crises — aquilo a que Oliveira Martins chamou o seu pessimismo sistemático, que devia ter uma influência profunda no prolongamento da sua obra e no desenvolvimento do seu caso humano, sobretudo no decorrer do seu drama religioso, visto que Antero, ao procurar uma religião que se coadonasse com as correntes filosóficas que o iam influenciando, ia abandonando lentamente o cristianismo, como fórmula religiosa. Jesus Cristo, o Deus todo poderoso da sua infância, perde para êle a divindade, humaniza-se, a ressurreição da carne desaparece diante da figura do homem, quere dizer, o

Cristo homem opõe-se ao Cristo Deus, é o que dizem as palavras de um certo morto:

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto
Posto sôbre um rochedo, à chuva e ao vento
Não há como eu espectro macilento
Nem mais disforme que eu nenhum abôrto.

Só o espírito vive: vela absorto
Num fixo, inexorável pensamento:
«Morto, enterrado em vida», o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só — no outro, a idolatria
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me,

Como se eu fôsse alguém! como se a Vida
Pudesse ser alguém! — logo em seguida
Disseram-me que eu era um Deus... e amortalharam-me.

A adoração de Cristo surgia-lhe como a mais grosseira das idolatrias; em Jesus Cristo era a sua humanidade, aquilo que ainda o transcendia. Era a acção da filosofia racionalista na sua consciência religiosa. Jesus deixava de ser Deus para ser homem e espírito, mas continuava a ser o motivo central da sua poesia dramática e o fúlcro da sua tragédia de consciência.

Antero na sua ilha ressuscita a luta interior dos seus primeiros tempos de libertação. A solidão do ambiente convida-o para os devaneios subjectivistas. As paredes da casa estão cheias das suas recordações de infância, nos corredores ficou ressoando o éco dos seus primeiros passos, os fantasmas antigos surgem em cada canto. Tudo lhe lembra o passado. Mas a força que estava dentro de Antero de Quental era maior, era aquela força que faz os homens transcenderem-se a si próprios, superarem o seu meio, projectarem-se para além no tempo e no espaço, isto é, universalizarem-se e alcançarem o

futuro. É essa força que personaliza os homens para além da sua própria morte. Antero possuía-a, era um revolucionário. Eis porque ele não se afundou, não se perdeu, não se traiçou.

A solidão da Ilha convidava-o para a solidão «pessoal», para o egocentrismo, mas a Vida era maior e Antero sentia a mensagem da Vida. Não podia ficar ali na Ilha à espera da morte, não podia afundar-se em si enquanto os outros homens lutavam. Era preciso partir para a luta. A Batalha travava-se lá fora. Proudhon ali estava dizendo qual a direcção dos novos caminhos. O mundo burguês estava agonizante, uma nova classe adquiria dia a dia mais consciência, o seu lugar na história da humanidade ganhava cada vez mais direitos e Antero já pertencia a essa classe pelas idéias, já se tinha colocado ao serviço das suas reivindicações, era preciso pertencer a ela, descer do seu pedestal de burguês e aristocrata e misturar-se com o proletariado.

Deixa a solidão da Ilha, abandona os seus fantasmas, e vem para Lisboa ser tipógrafo na Imprensa Nacional e volta-se com tôdas as forças para a causa dos homens.

Mas ainda não é Lisboa que satisfaz a ânsia do revolucionário e a sinceridade do apóstolo. Em Lisboa não havia as contradições do capitalismo industrial, nem os teóricos do socialismo, — mesmo do socialismo utópico, idealista, espiritualista, — que tinham mostrado às classes trabalhadoras as razões da sua ascendência social. Ele continuava na capital do país tão isolado e tão só como na sua Ilha natal, perdida no meio do oceano, cercada de mar por todos os lados. A sua voz continuava a pugnar no deserto, a sua atitude de coerência e de dignidade, trocando tôdas as profissões chorudas e todos os lugares de destaque que podia conquistar na sociedade burguesa, graças à sua carta de bacharel e ao seu talento de escritor, pelo seu lugar de tipógrafo na Imprensa Nacional, surgia inconseqüente e até injustificada. Além disso

nada o prendia a Portugal, nada o amarrava ao marasmo do ronçeirismo nacional. A sua luta era maior, a sua pátria não tinha fronteiras, as suas idéias estavam para lá das contigências e dos preconceitos, ultrapassavam as limitações mesquinhas e tradicionais da consciência dominante.

E Antero parte para Paris, não atraído pela futilidade da sua vida mundana, pelo brilho dos *boulevards*, pelos cartazes ruídosos dos nomes dos literatos célebres, pela fama dos seus museus, das suas catedrais ou dos seus *cabarets*, por todo o sortilégio idealista que a aureolava, tornando-a a mais importante cidade do Mundo, a capital espiritual, artística e política da Europa. Esse Paris monumental, decorativo e burguês não era aquêlê que o chamava, mas sim, antes, o Paris da Revolução, o Paris de Robespierre, de Danton, de Marat, o Paris de Proudhon. Êle queria ver, oscultar, viver de perto e coerentemente o berço da grande agitação que varria a Europa de lés a lés, que a revolvia nas suas entranhas e que lhe anunciava uma nova época histórica e social. Os homens cujas obras mais profundamente o influenciavam eram da Alemanha, com excepção de Proudhon, mas Paris era cidade que o chamava. Não partiu como turista, partiu como trabalhador; não se exhibiu como literato, trabalhou como o mais humilde dos operários; não se hospedou no melhor hotel do mais ruídozo *boulevard*, mas viveu num obscuro e insalubre bairro proletário; não procurou as tertúlias literárias onde os talentos oficiais pontificavam ou onde os novos artistas deliravam para imitar Baudelaire, procurou as associações revolucionárias onde se discutiam os problemas mais instantes da classe trabalhadora. Antero não era um decadente, Antero era ainda, então, um lutador; não era um narciso, era um revolucionário. A sua consciência de classe, contra a qual continuava a lutar, pretendeu esmagar o seu idealismo socialista, mas é êste que vence e domina.

Em Paris não passa os dias no Louvre ou em Mont-

mar-te, entregue aos devaneios de uma arte egocêntrica; em Paris é tipógrafo, passa os dias no fundo de uma oficina, vive num bairro de pobres; não contempla o formal, o exterior, a fachada do maior dos burgos, mas «a outra cidade» onde vive a contradição dêsse formal, o fundo dessa superfície estéril, o interior miserável que estava por trás da fachada do Paris grandioso e devasso.

Antero não procurava o decorativo, procurava o humano. Não há vício que o seduza, que o obrigue a uma traição e, a-pesar-das suas intermitências de saúde física e das limitações da sua consciência, Antero mante-m-se íntegro, honesto, incorruptível.

Nos primeiros dias, vive com entusiasmo a sua nova profissão e a sua nova aventura. Acha mais digno com-por livros do que ter um escritório na Rua do Ouro; encontra mais decência moral na sua vida anónima de operário parisiense do que na vida pública de algum seu contemporâneo já com cadeira em S. Bento de onde, de quando em vez, se levantava para discutir mais um decreto inútil; tem mais sentido humano e é mais produtiva a oficina do que a bancada dos advogados, que o esperava para escravizar a sua eloquência à defesa dos interesses de uma empresa capitalista ou, na melhor das hipóteses, à sorte de um homicida.

A princípio vive a sua aventura com tóda a intensidade de idealista e o arrebatamento quási infantil da sua alma poética, porque para Antero, o transformar-se em tipógrafo na capital da França, era uma aventura, um acto de coerência, uma atitude moral compatível com o seu idealismo revolucionário. Mas bem depressa, aquela vida sempre igual, aquela escravatura das horas de trabalho, certas, determinadas, obrigatórias, a tirania dos patrões, a compensação nula do seu sacrifício começam a atingir a sua consciência de classe. Os seus companheiros de oficina trabalhavam para comer, Antero trabalhava como tipógrafo para ser coerente com as suas idéias socialistas. Antero procurou voluntariamente a

profissão de tipógrafo, depois de ter tido liberdade para escolher outras e ascender na sociedade desde que quisesse fazer valer a sua carta de bacharel em direito. Os outros eram tipógrafos porque não podiam ser outra coisa, a condição da sua classe assim os obrigava.

Antero de Quental bem depressa começou a ver o equívoco, a reparar que dentro d'êle havia qualquer coisa de mais imperioso do que a sua própria vontade, qualquer coisa que a sua vontade e as suas idéias não eram capazes de dominar: «Há um mês e tanto que caminho no meio de desilusões, disto bastante — mas sobretudo de mim. Julguei-me outra coisa. Concebi pela inteligência um molde e não atendi a matéria com que tinha de o encher. Ao segundo dia logo a antinomia entre o mundo em que me achava e o meu estado de espirito e a natureza mesma do meu ser me apareceram cruelmente. Entretanto tenho ido sofrendo na esperança de serem enganosas as apreensões e mais que apreensões, as contradições porque ia e vou passando. Esperei que o trabalho me fizesse bem e foi êle que me revelou completamente o meu estado. Êste trabalho é triste como todo o trabalho moderno, forçado, pálido e dividido, desnaturado e injusto... Ora, o meu estado é este, que crendo e amando do coração os princípios e as idéias que mais que nunca me consolam, nem por isso posso na contemplação e estudo delas esquecer os impulsos da natureza».

É o que êle escreve de Paris ao seu íntimo amigo Alberto Sampaio. É uma confissão espontânea e sincera onde claramente diz da incompatibilidade da sua consciência de classe com o meio em que procurava viver, com a outra classe em relação à qual já era, em puro ideal, apóstolo e militante.

O convívio diário com os seus camaradas de trabalho, bem depressa lhe diz, que a maior parte d'êles quasi só conhece Proudhon de nome, que se agita, conspira e manifesta, não impulsionada pela idéia pura,

qualquer coisa de immaculado, aéreo e celestial que para êle, idealista à *outrance*, devia guiar os homens através de tudo. Os operários batem-se pelos seus próprios interesses, pela subida dos salários; pelo melhoramento das condições em que trabalhavam, que lhes sacrificavam uma vida inteira sem lhes dar qualquer compensação que não fôsse a miséria em que viviam. Para os operários a revolução não era um mero e puro ideal, belo e quasi inacessível, mas uma necessidade visceral e imperiosa da sua própria vida. A princípio o idealismo de Antero não os compreende nem os aceita:

Já não sei o que vale a nova idéa,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante após lubrica ceia ..

Sanguinolento o olhar se incendeia;
Respira fumo e fôgo embriagada:
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medea!

Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obuz...

Mas a idéa é num mundo inalterável,
Num cristalino céu, que vive estável...
Tu pensamento, não és fogo, és luz!

Para o idealismo anteriano o pensamento era puro e immaculado, independente e livre das lutas que se travavam na realidade da vida, daí ver na acção o desmentido da idéa. Fechado no racionalismo romântico do seu século, Antero não concebia a idéa como produto das condições materiais da vida, mas antes pretendia que as condições materiais da vida social resultassem das idéas. Para êle a agitação e a vida operárias deviam derivar *das idéas* socialistas, quando na realidade tudo se pas-

sava, e passa, ao contrário, foram e são a vida e a agitação operárias que produziram as idéias socialistas. Mas a pouco e pouco a sua intolerância idealista vai-se quebrando perante a evidência dos factos, a tese metafísica, construída desde o seu quarto de estudante, vai sendo desmentida dia a dia pela tirania dos acontecimentos.

Antero aprende por experiência própria que o trabalho do operário é «triste, forçado, pálido, dividido, desnaturado e injusto», que a libertação de que falam os operários não é uma idéa apreendida ou uma tirada de retórica, mas a libertação dêsse trabalho que os escraviza e os esmaga; que a justiça de que falam não é uma idéa abstracta e vaga que vem num tratado de filosofia ou de direito, mas a regulamentação efectiva dêsse trabalho; que a igualdade que gritam não é um delírio utópico e metafísico, mas resulta daquele antagonismo prático, real e absorvente da oficina: um salário irrisório pagando um dia de trabalho, um empresário-capitalista realizando lucros fabulosos, que dão direito a uma vida folgada e livre. Antero vai compreendendo que Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Progresso não eram idéias puras, mas sim, antes, realidades concretas. Nem a acção era uma monstruosidade ou um abôrto, a acção resultava das próprias contradições da vida social, emergia do embate dos interesses, dos homens e dos grupos. Ele chega, então a colocar o problema ao contrário, isto é, a afirmar a acção como necessidade humana e vital e duvidar da existência da idéia pura e redentora, substanciada em Deus:

Num céu itemerato e cristalino
 Pode habitar talvez um Deus distante,
 Vendo passar em sonho cambiante
 O Ser, como espectáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino
 O lança, vive e agita-se incessante:
 Enche o ar da terra o seu pulmão possante...
 Cá na terra blasfema ou ergue um hino.

A idéia encarna em peitos que palpitam :
O seu pulsar são chamas que crepitam
Paixões ardentes como vivos soes !

Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que revolva o remoinhar da luta,
Té que fecunde o sangue dos heróis !

A intolerância do ideal puro cedia lugar à voz que mandava combater até que se fecundasse o sangue dos heróis. O idealismo de Antero tinha-se ampliado com a sua experiência vivida e superado a falsa contradição entre a acção e o pensamento, embora ainda através de uma solução idealista que se encontra neste verso :

«A idéia encarna em peitos que palpitam».

O que quer dizer que a idéia continuava a existir a «se» e que a sua encarnação nos peitos que palpitam é que condiciona a acção. Antero explicava a consciência revolucionária usando um processo idealista, utópico e poético, que consistia na intelectualização das paixões e de todos os complexos afectivos e sentimentais, que impulsionavam as massas para a acção e para as barricadas.

Fôsse como fôsse, a vida proletária de Antero de Quental tinha aberto novos horizontes ao seu idealismo revolucionário. Assim como o contacto com o mundo cultural do século XIX fêz ruir, nos seus tempos de Coimbra, o dogmatismo e os preconceitos da sua educação católica e tradicional, em Paris a sua experiência proletária fazia ruir os mitos e as utopias do idealismo puro, sôbre o qual repousava todo o seu «elan» de revolucionário, que procurava viver, através de tudo, em coerência e dignidade. Em Coimbra, a revolução surgia em termos líricos e teóricos, através do romantismo moço da Sociedade do Raio, dos diálogos com a noite nas escadarias da Sé ou da leitura agitada das páginas sedutoras de Joseph Proudhon. Em Paris, a revolução surgia realista e prática, desde a vida das oficinas até ao heroísmo

e ao sangue das barricadas. Antero trava a sua segunda grande luta e ainda não é vencido desta vez. O que não pode resistir é a sua pessoa física, que dia a dia se vai tornando mais debilitada, até atingir a doença. A constituição física do poeta, o seu temperamento excessivamente nervoso, a sua sensibilidade aguda não tiveram forças para vencer a dureza do trabalho de tipógrafo, a falta de comodidades da vida que adoptou e sobretudo a tirania surda, esmagadora e permanente da oficina.

Vem a Portugal retemperar as suas forças, criar novos alentos, respirar ar puro para uma quinta de Alberto Sampaio, situada próximo de Guimarães, encher os pulmões e a vida de alguma coisa que não fôsse aquêlê ambiente viciado de pó e do cheiro acre das tintas e dos óleos das máquinas. Mas Antero não se pode encasular no comodismo rústico, que a quinta do amigo lhe proporcionava, a luta acenava-lhe de longe e êle acaba por partir novamente. É desta vez que procura Michelet para lhe oferecer as suas Odes, mas apresentando-se não como seu autor, mas sim como um mandatário dêste. Era mais uma prova da sua nula vaidade literária, da sua indiferença pela gloriola do artista, alcançada à custa do elogio de qualquer consagrado, mesmo que êsse consagrado se chamasse Michelet, que o fêz correio de uma carta encomiástica para o autor das «Odes' Modernas».

Durante a sua segunda estadia em Paris, Antero estuda a evolução do socialismo francês, que atingia um dos seus períodos aúreos, quer sob o aspecto doutrinário, quer sob o aspecto de agitação social e partidária. Antero vai mais longe, estuda também as organizações operárias e revolucionárias, e as táticas e os métodos da acção socialista. A «Internacional» tinha conquistado definitivamente o socialismo francês. Antero continua firme no seu posto de operário tipógrafo, fiel e coerente. Fora do Paris revolucionário, o poeta pouco admira e conhece.

Vai de quando em quando aos museus, sobretudo para ver escultura, desde de a Venus Milo até às obras de

Rodin, que o impressionaram quasi tão fortemente como as obras de Dante ou de Goethe. A pintura nunca foi coisa que o interessasse profundamente, sempre chamou com certo desdém e ironia aos quadros «paineis». O plástico da pintura, isto é, a côr e a composição, não coincidião com a sua arte escultural, hierática, anti-colorista e anti-descritiva. Algumas vezes Antero foi ouvir os melhores concertos de Paris, sobretudo quando se tocava Beethoven, o génio musical da revolução, que para confirmar o universalismo do grande movimento renovador, nascera, como Kant, na Alemanha.

Antero não foi procurar o Louvre mas a Bastilha, e se o Paris artístico não o interessava, muito menos o Paris burguês, decorativo e frívolo, que nessa altura já era a capital da Europa, do prazer e do vício. Esse Paris não o tocara sequer epidêrmicamente, Antero odiava-o do fundo da sua oficina, enquanto nos *cabarets* os turistas de todo o mundo se enchiam de *champagne* e de carícias femininas, que compravam por bom preço. No recolhimento da sua vida de operário humilde e trabalhador não podia tolerar aquela avalanche de homens enriquecidos que chegavam a Paris para ver o Progresso, as maravilhas da técnica, tudo o que brotava do século XIX, movido pelo vapor, pela gasolina, pela electricidade.

Paris não era só o museu do Passado, era também o museu do presente. As novidades técnicas não eram postas ao serviço da humanidade, mas sim adquiridas por preços fabulosos como se fôsem raras relíquias, só úteis para alguns, só aproveitadas pela classe economicamente privilegiada. Mas a falta de saúde e a impossibilidade de adaptação completa à vida operária vai roendo por dentro o *élan* revolucionário de Antero. A vida de tipógrafo vai-se tornando cada vez mais inútil, a sua participação na revolução longe do seu país surge diante dos seus olhos vasia e estéril. O que a princípio lhe parecia coerência, dever e aventura, transforma-se em renúncia, cobardia e fuga. Era preciso começar por Portugal, era

aí que devia cumprir a sua missão de agitador e no ano de 1868, precisamente quando a Internacional se reúne em Bruxelas, é que Antero regressa à sua ilha, onde passa alguns meses de descanso, de meditação, de revigoramento físico e psíquico, entregue aos seus sonetos, que eram a expressão mais alta da sua extraordinária personalidade de artista.

Um dia, ao amanhecer, Antero sabe que há uma República na Península Ibérica. A Realidade parece-lhe que se começava a aliar ao seu grande sonho idealista. O cansaço desaparece, o desânimo extingue-se diante daquela nova que o abalava como um vendaval. Emílio Castelar convida-o para ir a Madrid colaborar com a sua palavra e o seu génio na formação de uma aliança solidária de duas repúblicas confederadas pelas instituições democráticas, que pesasse na balança política e económica da Europa, não como um pêso morto, mas sim como uma fôrça viva capaz de combater pelo futuro do Mundo. Antero, que era iberista em relação ao problema político português, o que estava de acôrdo com o seu idealismo socialista, aceita o convite, volta para o continente e, embora nunca chegue a ir a Madrid, escreve nessa altura o seu audacioso opúsculo: — «Portugal perante a revolução de Espanha. Considerações sôbre o futuro da política portuguesa no ponto de vista da democracia ibérica».

Poucas vezes, ou talvez, jamais, um português teve coragem, talento e poder para olhar de frente o problema político da península. A clareza da sua visão está no opúsculo encoberta pelo véu espesso do seu idealismo revolucionário, romântico e utópico, mas é para lá dessa cortina enganadora que fica a sua profunda intuição do problema.

O idealismo filosófico e político deturpa a realidade, por vezes, para afirmar dogmáticamente os pontos de vista da sua fé revolucionária. A revolução espanhola de 68 é colocada pelo poeta em eloquência lírica e inconsequente: «Reduzido aos seus têrmos mais simples, o pro-

blema que a nação espanhola acaba de escrever nas páginas da história do Século XIX, pode formular-se dêste modo: menos um trono na Espanha; mais uma mulher em França; mais um povo livre no Mundo. A incógnita do problema vem envolvida nesta proposição: mais um povo livre. Traduzindo-a para a sua verdadeira forma que é a interrogativa, fica-nos isto: o que vai a Espanha fazer da sua liberdade?»

Era o idealismo libertário de Antero que respondia através da prosa poética do opúsculo. Para êle, o problema político da Espanha era um problema de coerência ideológica: «O sol da seara das revoluções é a coragem dos princípios».

O que era preciso no momento era ser-se revolucionário: «Ser revolucionário! Grande palavra e coisa maior ainda! Mas coisa tão terrível quanto grande! Momento solene, mas fatal, e cheio duma responsabilidade tamanha, que não é raro encontrar-se na história dez séculos votados à miséria e às lutas, e vinte gerações condenadas à opressão e à dor, só pelos êrros ou pelas traições num dêstes momentos rápidos e simultâneamente decisivos».

São a sua fé revolucionária e a sua grandeza de carácter que falam. A voz é do poeta, mas aquilo que ela grita é do agitador. Antero, para lá da sua metafísica, compreendia o momento grave e decisivo que a Espanha estava atravessando: «Não se trata de palavras mas de obras; de proclamações sonoras mas de estabelecimentos duráveis; de sentimentos mas de instituições».

«Por vinte, por quarenta anos, por um século às vezes, a vida nacional não é mais do que o desenvolvimento, a combinação ou a luta daqueles elementos revelados na hora profética da revolução».

Antero socorria-se depois de Proudhon para precosinar a harmonia da política com a economia e, sempre nos termos exaltados do seu idealismo revolucionário, aconselha a escôlha de um govêrno que fôsse a expressão completa da vida íntima da nação, quere dizer, que se

oferecesse à democracia espanhola um govêrno democrático. E para êle o único govêrno democrático é a federação, as repúblicas unitárias traíam a democracia. A unidade conduz ao despotismo e à tirania, pensava Antero, que via na unidade a verdadeira causa do desmoronamento e da decadência das democracias.

Antero opõe à república indivisível de 93 a república democrática federativa preconizada por Proudhon. À vida efêmera das Repúblicas unitárias, opunha Antero de Quental a vida das federações republicanas: A Suíssa e os Estados Unidos. A federação Democrática Espanhola não devia abranger sômente a Espanha, devia também incluir Portugal: «Portugal é uma nação enferma e do pior género de enfermidade, o turpôr, o enfraquecimento gradual que sem febre, sem delírio, consome tanto mais seguramente quanto se não vê o órgão especialmente atacado, nem se atina com o nome da misteriosa doença. A doença existe todavia. O Mundo Português agoniza, afectado de atonia, tanto na constituição íntima da sociedade, como no movimento e na circulação da vida política».

Remédio ideal para essa doença receita Antero: A Federação Democrática Ibérica, abrangendo os dois países peninsulares. Ela resolveria o problema político da Espanha, precário e falso dentro de qualquer regime unitário, quer fôsse monarquia ou república, e o problema político de Portugal, que isoladamente lhe parecia insolúvel.

Antero sabia que o seu opúsculo não seria compreendido, contra êle surgiria a opposição do patriotismo nacional que veria na Federação Ibérica a pêrda da independência. Eis porque êle dedica as últimas palavras do seu opúsculo aos patriotas, defenindo a sua attitude, dando à palavra patriotismo um sentido metafísico em opposição ao patriotismo-nacionalidade, tradicional e geográfico: «E agora, por despedida, duas palavras sinceras aos patriotas portugueses. O patriotismo pode simboli-

zar-se hoje numa idéia falsa e estreitíssima: mas nem por isso deixa de ser um sentimento respeitável. Certamente que, para os Fuas Roupinhos e os Espadeiros do jornalismo a tanto por linha, o patriotismo não passa de uma palavra sonora, o entusiasmo nacional de uma boa especulação. Assim também, não é com eles que falo. Dirijo-me aos espíritos cândidos e rectos, mas cheios de ilusões e pouco esclarecidos sôbre a natureza dos movimentos sociais, às vontades enérgicas, mas falsamente encaminhadas, aos homens verdadeiramente bons e dedicados das nossas províncias, que obedecendo a um dos mais belos sentimentos humanos, o amor da pátria, tomam a nacionalidade pelo símbolo único, pela forma mais perfeita dêsse sentimento.

«Sem faltar ao respeito devido a tão honestas convicções, atrever-me-ei a ponderar-lhe que o amor da pátria não coincide rigorosamente com o facto da nacionalidade: são duas coisas distintas, ainda que ligadas estreitamente e servindo uma de manifestação a outra, como serve a palavra de manifestação ao pensamento. Mas são distintas: e assim como a palavra falta mais duma vez ao pensamento, e o atraiçoa, pode uma nacionalidade gasta ou acanhada faltar ao amor da pátria com as condições do seu inteiro desenvolvimento, atraiçoando as suas mais formosas aspirações, os seus mais íntimos impulsos. A pátria com efeito, não é o chão, o ar, o sol, os rios e os montes natais: pátria assim tem-na igualmente as árvores dêsse campos e os musgos dessas rochas: o patriotismo, nesse caso, deixava de ser um sentimento exclusivamente humano, para se confundir com as simples leis do mundo orgânico.

«É no homem, na sua natureza moral, que se devem procurar as razões íntimas dêsse facto universal e até hoje indestrutível. Ao céu dos campos e dos montes pátrios, à sombra das suas igrejas e dos seus castelos, à língua dos seus habitantes, aos costumes, às tradições, não nos prende um instinto cego, uma fatalidade de

espécie, ou uma atracção poética da fantasia. Tudo isto, se é belo para nós, é só porque nos representa, em símbolo harmonioso, o pensamento íntimo do nosso ser, e parece traduzir-nos o segrêdo misterioso da nossa consciência. Nesse conjunto de coisas, idéias, e sentimentos, vemos as condições do desenvolvimento mais perfeito da nossa natureza moral, o instrumento da exaltação da nossa personalidade, na sua mais rica complexidade, como homens perante homens, criaturas perante a criação, espíritos perante o nosso próprio espírito. Por isso, e só por isso, amamos a pátria. Ela não é sômente o berço das nossas afeições instintivas; é mais: é o ninho onde crescem e vigoram os filhos mais queridos da nossa alma, as energias da nossa livre actividade. A pátria não é um acidente da natureza material, mas um facto da consciência humana.

«A nacionalidade, essa, é apenas a forma passageira e artificial de tudo isto. É um facto do mundo político e, como êle, transitório e alterável. No momento em que muitos interesses se reconhecem semelhantes, muitos patriotismos irmãos, tendo em comum o mesmo ideal e as mesmas condições de o realizar, agrupam-se, fundem-se, levados pela atracção irresistível entre naturezas homogêneas, e pela necessidade de se defenderem e afirmarem em face do Mundo. Eis uma nacionalidade, obra de momento, sujeita a dupla acção do tempo e do movimento humano, e por isso instável e transitória como o correr dos anos e o transformar-se dos interesses e das idéias sociais. Concebe-se fàcilmente que êsses interesses deixem de ser homogénios, que essas idéias se possam contradizer: concebe-se que a forma nacional, em vez de realizar o ideal de pleno desenvolvimento material e moral simbolizado no amor pátrio, lhe sufoque os impulsos mais generosos, e atraia as suas mais legítimas aspirações. A nacionalidade deixa então de ser o pavilhão luminoso, que sob os tectos doirados cobria muitas cabeças irmãs, para se transformar numa abóbada

escura e fria de esgástulo, aonde gemem muitos miseráveis escravos...

«Será êste o caso de Portugal? Atrevo-me a dizer que é. As forças mais vivas, as energias mais mças e inteligentes, os elementos mais generosos da nossa sociedade estão comprimidos, asfixiados, por esta forma estreita da velha nacionalidade. Entre uma coisa e outra é necessário escolher. Ora, eu sustento que, entre as realidades eternas da natureza humana, de um lado, e, do outro, a criação artificiosa e antiquada da política, não há que hesitar. Se não é possível sermos justos, fortes, nobres, inteligentes, senão deixando cair nos abismos da história essa coisa que se chamou, «nação portuguesa», caia a nação, mas sejamos aquilo para que nos criou a Natureza, sejamos inteligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portugueses. Uma nação moribunda é uma coisa poética! infelizmente a melhor pátria, em política, não passa de uma política medíocre. Chorar, recordar-se, ou ameaçar em sonoros versos, pode ser extremamente sentimental! mas não adianta uma polegada os nossos negócios... Eu, por mim, ponho de parte tóda a poesia e tóda a sentimentalidade, contentar-me-ei de afirmar aos patriotas portugueses esta verdade de simples bom senso: que, nas nossas actuais circunstâncias, o único acto possível e lógico de verdadeiro patriotismo, consiste em «renegar a nacionalidade».

O idealismo de Antero atirava-o para as soluções extremas e utópicas, mas o homem ainda preso à moral da política tradicional pretendia justificar-se em face dos seus compatriotas. Era o idealismo que gritava para renegar a nacionalidade, o mesmo que tecera o ideal metafísico de patriotismo, o mesmo que via a salvação de Portugal apenas numa Federação Democrática com a Espanha. A-pesar-dos últimos revezes da sua vida, da sua experiência proletária, Antero continuava dominado pelas suas idéias libertárias e puras, utópicas e românticas.

Era êste idealista exaltado e corajoso que estava em Lisboa. Na Lisboa das descobertas, com o Tejo azul de onde partiram as caravelas, com a estátua de Camões no Chiado olhando a multidão que passava guiada por uma fé sebastianista, enganadora e pôdre. É nesta Lisboa que êle encontra alguns dos seus antigos companheiros de Coimbra, que se reüniam quási tôdas as noites num quarto de Batalha Reis, na travessa do Guarda-Mór, apelidado de «Cenáculo» pela ironia diletante de Eça de Queiroz. Além dos antigos companheiros de Coimbra, de Manuel da Arriaga a Eça de Queiroz, outros iam ao «Cenáculo» passar as noites insípidas da Lisboa do final do século em cavaqueira amena e descuidada. Lá costumavam ir Ramalho, Oliveira Martins, Carlos Mayer, Salomão Sarraga, Lobo de Moura, Anselmo de Andrade, Santos Valente, o maestro Augusto Machado e Bordalo Pinheiro.

Antero modificou o destino do «Cenáculo», quando certa noite lá entrou com Proudhon pela mão. O quarto da rua do Guarda-Mór deixou de ser um retiro de artistas, para ser a fonte de uma revolução cultural onde o socialismo dominou. José Fontana começou a aparecer por lá. Em breve, Batalha Reis, Oliveira Martins, e até Eça de Queiroz, se tornaram socialistas. O Antero coimbrão renascia, agora mais consciente mas igualmente ousado.

Faltava-lhe no entanto em Lisboa, além de Alberto Sampaio, Castelo Branco e Germano Meireles, o seu primeiro mestre: João de Deus.

Antero vai procurá-lo ao Pôrto. Lá encontra o poeta do «Campo de Flores» e da «Adoração», pensando com a sua meia dúzia de idéias e poetizando com o universo inteiro. São dois idealistas que se encontram, embora caminhem por atalhos diferentes. Antero expõe ao companheiro as grandes razões da sua causa. João de Deus concorda, mas responde-lhe com um idealismo maior, ainda mais utópico e romântico.

João de Deus é convidado para ir à América, mas no dia da partida, à beira do cais, não pode partir, não pode abandonar o seu lírico país de amendoeiras. Mas Antero, o aventureiro, o homem sem pátria e sem limites, o revolucionário, o humanista, o poeta, vai em sua substituição, ver com os próprios olhos o novo mundo que nascia e que acenava do outro lado do Atlântico à Europa, burguesa, já agonizante e devassa. A América, que há pouco tinha sido varrida pela tremenda luta entre o Norte e o Sul, entre o «yankee» industrializado e o feudalismo sulista, da qual resultara a abolição da escravatura; a Califórnia do ouro, as novas metrópoles, o mundo de aventura que seduzia os homens apresentando-lhes uma natureza ubérrima, são outras tantas desilusões para Antero de Quental.

Ao chegar à América, Antero fecha-se no seu camarote, cerra a vigia e lê o «Fausto» de Goethe.

A única cidade que o comove na sua peregrinação através do novo continente é Halifax. Alguém convida-o para ficar como professor de português, mas Antero recusa. A luta espera-o no seu país. Era preciso reformar Portugal, que se afundava cada vez mais. . .

Nota Final

Nêste caderno termina o estudo sôbre a infância e juventude de Antero. Com "**ANTERO DE QUENTAL — apogeu e morte**", que em breve será publicado, ficará concluído o trabalho, que nos propusemos, de interpretação da personalidade, da obra, da vida e da acção de Antero de Quental. Aí se deverá procurar, depois, a nota bibliográfica e explicativa, destinada a informar o leitor acêrca das fontes culturais utilizadas.

A SEGUIR

O N.º 7 DOS "CADERNOS AZUIS":

A POESIA DA MODERNÍSSIMA GERAÇÃO

GÉNESE DUMA ATITUDE POÉTICA

ENSAIO

POR

JOÃO PEDRO DE ANDRADE



A poesia moderna, desde o "Orfeu" e a "Presença", analisada em face da história e das épocas que viram aparecer os respectivos movimentos. A moderníssima geração e a sua tão debatida atitude poética.

CADERNOS AZUIS

COLEÇÃO DE CULTURA VIVA



«OS CADERNOS AZUIS», pela acessibilidade do seu preço e linguagem simples e clara como os problemas serão expostos, constituem um sério esforço de cultura popular. Nos seus volumes, cuidadosamente seleccionados, serão abordados todos os assuntos de interesse geral, compreendendo:

I — CONTOS E NOVELAS

Obras inéditas, ou pouco conhecidas no nosso meio, de prosadores nacionais e estrangeiros que, pelas suas qualidades literárias, riqueza psicológica e projecção humana, merecem ser divulgadas.

II — OS HOMENS E AS IDÉIAS

Estudos sobre as principais correntes políticas, sociais, económicas e filosóficas, assim como ensaios biográficos das grandes figuras da humanidade.

III — LITERATURA E ARTE

Pequenos ensaios sôbre tôdas as manifestações de carácter artístico e literário. Escolas e tendências. Principais figuras.

IV — A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

O homem através dos séculos na sua luta constante pelo progresso e bem estar da humanidade. As grandes descobertas e conquistas da História.

V — PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Nesta secção, os vários problemas do nosso tempo serão divulgados por especialistas numa linguagem clara e acessível a tôda a gente. Serão tratados problemas de CIÊNCIA, TÉCNICA, PEDAGOGIA, ECONOMIA, DESPORTO, etc.

ESTE VOLUME FOI COMPOSTO NA
SOCIEDADE DE PAPELARIA, L.DA,
RUA DA BOAVISTA, 321 — PORTO,
PARA A LIVRARIA LATINA EDITORA,
ACABOU DE IMPRIMIR-SE
AOS 10 DE FEVEREIRO DE 1943
E É O NÚMERO 6 DOS
CADERNOS AZUIS

O 1.º ANO DE ACTIVIDADE EDITORIAL DA LIVRARIA LATINA EDITORA

RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10 - PORTO

Escolas Filosóficas , de Henrique Perdigão	{ Br.	30\$00
	{ Enc.	45\$00
Álgebra , do Eng.º Pires de Carvalho		12\$50
Trigonometria , do mesmo autor		8\$00
Cadernos de Geografia , dos Prof. Dario Mota e Carlos Varão		4\$50
Cadernos de História , dos mesmos autores		3\$50
Penumbra , de Matias Lima		10\$00
Tripeiros da Gema , de Mário Portocarrero Casimiro		15\$00
Crítica. I , de João Gaspar Simões		20\$00
O Penitente (Camilo Castelo Branco), de Teixeira de Pascoaes		15\$00
Tiragem especial, num. e rubricada pelo autor		40\$00
O Meu Romance , de Carlos Sombrio		12\$50
João Fané, banquista (romance marítimo), de Raimundo Esteves		12\$50
Estes dois romances foram premiados no Concurso Literário da LATINA, com cinco contos cada um.		
Os Contos de António Botto		25\$00
2.º volume das Obras Completas do autor, em que está incluído o «Livro das Crianças» aprovado oficialmente nas Escolas da Irlanda e pelo Eminentíssimo Cardial Patriarca de Lisboa.		
Coração — o Ditador , de Emília de Sousa Costa		10\$00
Aventuras Maravilhosas dum Príncipe e outros contos . 1.º vol. da Colecção PINÓQUIO da Biblioteca Infantil LATINA, dirigida e compilada por Henrique Marques Júnior.		5\$00
Fábulas (Colecção) de Laura Chaves, com ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça. 1.º vol.		10\$00

Dicionário Univ. de Literatura, de Henrique Perdigão

Enc. em capa 1 (inteira percalina)	160\$00
» » » 2 (percalina e lombada de pele)	170\$00
» » » 3 (inteira pele)	200\$00